

O navio negreiro - Castro Alves

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura ... se é verdade
Tanto horror perante os céus ...
Ó mar! Por que não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto esse borrão? ...
Astros! Noite! Tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...

Quem são estes desgraçados,

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde voa em campo aberto
A tribo dos homens nus ...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão ...
Homens simples, fortes, bravos ...
Hoje míseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão ...

São mulheres desgraçadas
Como Agar o foi também,
Que sedentas, alquebradas,
De longe ... bem longe vêm ...
Trazendo com tíbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
Na alma lágrimas e fel.
Como Agar sofrendo tanto
Que nem o leite do prato
Têm que dar para Ismael ...

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas da amplidão ...
Hoje ... o *porão* negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a *peste* por jaguar ...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar ...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro ... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus ...
Ó mar, por que não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão? ...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...
(Composto em São Paulo, em 18 de
abril de 1868)

